



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 09 a 11 de outubro de 2023 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

CULTURA PRODUTIVISTA: A PATOLOGIZAÇÃO DA VIDA COMO FERRAMENTA DE CONTROLE DOS CORPOS

Juliana Lima Monteiro, Centro Universitário São Lucas Porto Velho,
psi.jmonteiro@gmail.com

Weidila Nink Dias, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
weidilanink@gmail.com

INTRODUÇÃO. A crescente necessidade de classificar as diversas formas de sofrimento psíquico fez com que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) expandisse suas categorias em larga escala desde sua publicação. Sua mais recente edição, DSM-5-TR (2022), consta com aproximadamente 541 categorias diagnósticas, considerando todas as especificações e subcategorias dentro das categorias principais, ao passo que sua primeira edição, em 1952, contava com apenas 106 (Associação Americana de Psiquiatria, 1952; 2022). A este fenômeno podemos atribuir o questionamento feito por Catani (2024): “Será que estamos adoecendo mais ou apenas conseguimos identificar melhor as formas de sofrimento?”. A partir de uma leitura crítica sobre as estruturas da sociedade contemporânea as duas hipóteses podem ser constatadas, ao passo em que se sustenta o entendimento de que cada expressão humana tem uma constituição singular e única, que se distingue de todas as outras. Na medida em que os discursos de anormalidade são validados pelas instituições responsáveis por determinar quais formatos de expressões são patológicos, as pessoas se permitem, no cotidiano, nomear-se como tal, criando um senso de identidade ao entorno da inadequação construída para justificar a não conformidade com as expectativas de produtividade (Catani, 2024). **OBJETIVO.** O objetivo deste estudo é discutir sobre a patologização da vida como ferramenta de controle dos corpos, comportamentos e experiências humanas para atender às demandas produtivistas. Sustenta-se que a imposição de um modelo de normalidade ignora a subjetividade e a riqueza da individualidade das expressões humanas. **MATERIAL E METODOLOGIA:** Adota-se uma abordagem metodológica de revisão narrativa, baseando-se em livros, pesquisas, artigos e trabalhos científicos disponíveis nas plataformas e repositórios eletrônicos Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SciELO) utilizando palavras-chave como “patologização da vida”, “medicalização da produtividade”, “controle dos



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 09 a 11 de outubro de 2023 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

corpos” e “neoliberalismo e saúde mental”. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A eficiência e o desempenho têm constituído grande parte da experiência humana vigente de tal forma que estes ocupam locais de valores e metas a serem alcançados. A cultura produtivista moderna perpetua um ciclo de insatisfação constante, onde a reação mais comum ao sucesso é o desejo insaciável pelo acúmulo de conquistas (Harari, 2016). Nessa perspectiva, a patologização das expressões da angústia surge com a finalidade de classificar e controlar os corpos, categorizando-os como obstáculos a serem superados, a fim de manter a produtividade, resumindo as diversas experiências humanas em diagnósticos clínicos (Han, 2015). Essa dinâmica é sustentada por hierarquias e normas sociais que, embora sejam construções imaginárias, são apresentadas como naturais e inevitáveis, reforçando o controle dos corpos e a conformidade às demandas de produtividade (Harari, 2015). Essa construção social patologiza aqueles que não conseguem ou não desejam se conformar, marginalizando-os e, frequentemente, sujeitando-os a tratamentos médicos, reforçando a ideia de que qualquer desvio da norma produtivista poderia ser uma falha pessoal. A pressão para se conformar às normas produtivistas resulta em um aumento de diagnósticos de transtornos mentais que são frequentemente tratados de maneira a melhorar a produtividade do indivíduo, ao invés de abordar as causas subjacentes (Foucault, 1977). A consequência disso é expressada através da exaustão e esgotamento psíquico, exacerbando o sofrimento daqueles que não se encaixam nas expectativas neoliberais (Han, 2015). Investe-se na medicalização a fim de silenciar frustrações e percepções de fracassos gerados por uma estrutura de sociedade que incentiva o ciclo produção-consumo ao banalizar o sofrimento psíquico, fazendo com que estes se tornem incapazes de tolerar situações cotidianas (Matos, 2013). Resultados de uma revisão extensa de literatura apontam que a utilização indiscriminada de substâncias neuroestimulantes para melhorar a performance cognitiva não é um advento recente, tendo tido sua intensidade acentuada em meados de 2008 (Yaegashiet al., 2020,p.5). Ademais, ressalta-se também os riscos de efeitos adversos e em decorrência da administração excessiva de tais substâncias, com ou sem prescrição e acompanhamento médico (Moreira, 2023). Torna-se imprescindível, portanto, diferenciar a trama das condições estruturais dos discursos ideológicos de poder. Nesse cenário, Rosa (2012) argumenta que a biopolítica que defende a produção de subjetividades normatizadas, alinhadas à cultura produtivista, marginaliza indivíduos fora dos padrões e produz silenciamento das vozes dissidentes, transformando o sofrimento psíquico em



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 09 a 11 de outubro de 2023 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

objeto de consumo. Com isso, infere-se a necessidade de resgatar a singularidade das experiências humanas e de reavaliar práticas sociais que perpetuam a alienação. Em contrapartida, propõe-se um posicionamento político que desafie as narrativas hegemônicas como forma de resistência e valorização da subjetividade e diversidade humana (Rosa, 2012).

CONCLUSÃO: A necessidade de uma abordagem mais inclusiva e menos patologizante é urgente para promover uma sociedade que valorize a diversidade e o bem-estar individual inserido no coletivo. É essencial que as políticas públicas e práticas de saúde mental sejam reformuladas para reconhecer e respeitar a singularidade de cada indivíduo, movendo-se além do modelo produtivista que atualmente domina a sociedade.

Palavras- chave: Produtivismo; Neoliberalismo; Patologização; Cultura.